

Alucinação

Os dedos batem com furor no teclado da máquina de escrever, enquanto as palavras vão se formando no papel, dando uma consistência real às idéias elaboradas na mente humana. Mas num relance tudo se torna turvado, as vogais começam a trocar de posição e o que está sendo escrito perde o seu sentido. O município, citado no texto como beneficiado por novas medidas do governo, transforma-se no *minucopio banificodi pro sonvos midedas di gevorna*. O redator observa aquela transição sem, contudo, conseguir impedi-la. “Mas que coisa estranha”, pensa, na medida em que os vocábulos tornam-se distorcidos, macabros, dentro da revolução incontrolável das vogais, que se recusam a tomar os seus próprios lugares. “O que fazem cinco letrinhas rebeldes”, reflete o redator, tentando interromper o trabalho. Mas não consegue.

Os dedos prosseguem a martelar as teclas, tomando a luta proporções inusitadas, ao passo que as frases continuam a aparecer de uma forma incompreensível. Uma verdadeira balbúrdia ortográfica, no redemoinho sem nexos. O que antes pretendia ser uma palavra comum, composta de três sílabas e sete letras, passa a ser encarado como um sinal estranho, cujo significado pertence ou ao demônio, ou ao desconhecido. “Quem sabe é um código, uma mensagem condicionado em minha mente”, conjectura o redator, querendo, numa atitude drástica, fazer parar a ação dos seus dedos. Mais uma vez a sua tentativa é frustrada.

As palavras (se ainda podem ser consideradas palavras) são vistas, agora, como pequenos monstros, instrumentos do mal, criados a fim de perturbar a vida do até então tranqüilo funcionário. A metamorfose acentua-se, enquanto o redator, já desesperado, passa a distinguir somente traços, números, pontos de todos os tipos, interrogações e exclamações patéticas. Depois, começa a ver dragões babando sangue e animais fantásticos, com enormes línguas de fogo, que procuram alcançá-lo.

Com os olhos fixados nos teclados e no papel, transpirando por todos os poros, o redator não sabe mais o que faz, não controla mais seus movimentos, e, desvairadamente, sem outra alternativa, agarra a máquina, jogando-a longe com todas as suas forças, no mesmo momento em que os colegas já corriam para saber o que estava acontecendo.

- O que é isto rapaz, que doideira é esta? – pergunta o primeiro que o alcança

- Sabe de uma coisa – responde ele, encarando fixamente o interlocutor -, quando as letras se soltam não há quem as segure, elas trocam de posição e pronto: são incontroláveis.

Todos o observam, espantados, estranhando aquelas atitudes descontroladas num homem que comumente era comedido, calmo, discreto,

sóbrio, cumpridor de seus deveres, funcionário exemplar e que agora estava ali a dizer coisas indecifráveis, esquisitas, ininteligíveis.

No outro dia, ao verificar em sua mesa uma licença de sessenta dias, concedida compreensivelmente pelo seu superior, ele fitou seus colegas, de uma forma inescrutável, e perguntou:

- Alguém sabe qual o preço da máquina?

E, se não fosse os olhares inquisitivos e perquiridores das velhas funcionárias, ninguém poderia dizer que acontecera algo de anormal naquela tranqüila repartição pública estadual. (1964)